

Autor:

Rodrigo Pontes

Página de divulgação:

www.confabulistas.com.br/rodrigo-pontes

Comentário:

Este é o primeiro capítulo de um romance do gênero de ficção científica contemporânea.

Título do Romance:

A Origem das Neurofiandeiras de Val

Texto:

Capítulo 1 - Valdivina Silva

Ao longo do último ano, Val encolheu-se na existência impossível de uma mãe sem filho. Pequena com os ombros caídos, afundava na cama do filho desaparecido. Com a bolsa no colo e maquiada, apenas seus olhos se moviam. Tentava, mais uma vez, notar algo que explicasse porque Caio Matheus sumira sem dar notícias. Olhava para o armário velho dado pela vizinha, para a roupa suja empilhada num canto, para a única parede pintada do quarto, um azul gasto, cheia de adesivos e posters de videogames. Em vão. Todos os dias passavam em vão. O ânimo que surgira hoje para sair da cama e passar batom era um tiro no escuro. Podia não dar em nada, mas nada mais havia lhe sobrado de opção. Da imobilidade passou à ação incontida. Levantou-se, saiu e trancou a porta do quarto, construído no mesmo terreno de sua casa. Foi para a rua e pegou o ônibus para o centro ensaiando o que diria

para os doutores se eles perguntassem porque ela decidira fazer parte do experimento.

Um ano atrás, seu filho de criação Caio parecia bem. Parecia feliz e focado. Além do trabalho fixo de vendedor numa loja de doces, ele estava sempre atrás de um dinheirinho extra, juntando para começar a faculdade noturna logo que desse. Numa dessas, achou esse estudo médico. Pagavam cento e cinquenta reais para voluntários que passassem uma noite na clínica para uma pesquisa sobre sono. Caio dormiria numa cama, conectado a uns aparelhos, no dia seguinte receberia café e já estaria liberado. Não parecia nada demais e Val pensou pouco sobre o assunto. Isso até Caio não voltar para casa e sumir depois da noite do experimento. Desde então, era o único assunto em que ela pensava.

Val não havia perguntado como Caio soube da clínica, nem onde era. Sabia que ficava perto do metrô São Bento porque foi o que o filho respondeu sobre como iria para o trabalho de lá. Val andou horas por ali e não encontrou ninguém que soubesse de nenhuma clínica médica na região. Depois seguiu as vias normais para tentar encontrar o filho. Polícia, cartazes, mensagens. Nenhuma das vias comuns gerou nenhum resultado, só descaso. A polícia estava satisfeita em ter um caso insolucionável. Caio mantinha contato com poucos amigos do colégio, nenhum deles sabia de nada. A mesma coisa com o pessoal do trabalho. Ela não sabia como contatar os amigos online. Do bairro, o seu melhor amigo de infância morrera dois anos antes. O resto se mudara. Uns meses depois e ninguém mais se importava com seu filho sumido. Só Val. Sem família viva, ela só tinha Caio Matheus, que pegou para criar informalmente depois que ele ficou órfão numa tragédia do bairro.

O ônibus chegou no ponto final na República; Val teria que andar uns quinze minutos para chegar no endereço que tinham passado por telefone. No caminho teve a certeza de que era ali que acharia respostas. O centro de São Paulo tem esses cantos, onde ninguém se olha. São nesses lugares que as pessoas somem. Nos últimos meses, Val

ficara obcecada por estudos do sono. Acompanhava notícias, pesquisara clínicas e médicos da área. Voluntariou-se para vários estudos. Mas sempre era no Hospital das Clínicas ou em uma universidade no Butantã ou na Vila Mariana. Hospitais grandes, que todo mundo conhecia. Perguntou nesses lugares sobre estudos do tipo no ano anterior e nenhum bateu com a data que Caio sumiu. Até que um dia viu, num desses jornais que distribuem de graça na rua, um chamado de voluntários para um estudo do sono. Não reconheceu nenhum nome no anúncio entre aqueles que havia pesquisado. Pagavam os mesmos cento e cinquenta reais por uma noite que Caio mencionara. Ligou, passou algumas informações pessoais por telefone, foi aceita e passaram a data e o endereço. Perto do metrô São Bento. Val sabia que havia passado por aquela rua nas suas buscas, mais de uma vez, e por isso tinha certeza que não tinha nenhuma clínica ali. Era o fim da tarde e estava perto. Andava por uma área do centro como as outras. Prédios abandonados, lixo, pisações, casas ocupadas, botecos, comércio de rua. Nada que parecesse o lugar para um instituto médico sério. Val sentia com sua convicção de mãe que estava prestes a conhecer os malditos que tinham sumido com Caio.

Chegou no endereço. Uma casa antiga, com a pintura um pouco gasta, mas limpa. Uma placa simples, mas novíssima, confirmava ser o tal instituto. Val teria visto a placa antes se estivesse ali. Na porta havia um guardinha. Alto, muito forte, com a camisa do uniforme um pouco apertada na barriga.

– Boa tarde, o senhor pode me ajudar com uma coisa? Na hora de voltar, o senhor sabe onde pego ônibus pra zona sul? Pro Terminal Santo Amaro?

– Claro, dona! – respondeu o homenzarrão sorrindo – Ó, tem o meia dois zero zero e o meia cinco zero zero que passam pertinho. É só seguir aqui que sai na avenida, o ponto é em seguida.

– Obrigada, o senhor mora por aqui? Qual seu nome?

– Ah não, sou da zona sul também, Jardim Ângela. Meu nome é César.

– Eu sou a Val. Você trabalha aqui faz tempo, moço? Conhece os médicos?

– Não, sou terceirizado e comecei essa semana. Só fico aqui fora de olho na rua. Mas é tranquilo, pouca gente aparece. É um estudo que passa a noite né? Quem me falou foi um cara que chegou mais cedo. Tem dois doutores aí, mas, pra ser sincero com a senhora, nem o nome deles eu sei. Dão bom dia e só.

– É, é um estudo do sono. Eles pagam para dormir aí e ver como cê dorme.

– Parece dinheiro fácil.

– Parece fácil demais, não acha?

César não soube o que responder e apenas acenou positivamente. Val se deu por satisfeita, acenou um tchau e entrou na casa com sua melhor cara de dona perdida.

– Eu vim para o estudo de sono, é aqui?

– Sim, senhora, aqui mesmo. Só deixar o documento comigo e esperar até ser chamada pelo nome para a entrevista inicial.

O tom da recepcionista era de alguém de bem com a vida. Entregou um papel que repetia os termos explicados por telefone. Pediu para Val assinar o documento, mas Val não tinha caneta e a mulher nunca cobrou a assinatura. Ofereceu café, puxou assunto. Dizia não saber muito sobre o que ia acontecer, mas falava como doutora. Na espera havia um casal. Um jovem médico saiu de uma sala e chamou um nome. O homem levantou e a mulher ficou. Nem um minuto se passou e o homem voltou.

– E aí, vai ficar direto já? – perguntou a mulher.

– Não, me dispensou. O doutor disse que eu não podia fazer. Nem falou porquê, mas me pagou cinquenta reais pela inscrição.

A mulher ficou olhando a nota tentando ver se era de verdade, a recepcionista explicara que isso acontece mesmo, o estudo tinha alguns critérios, mas queriam compensar o trabalho de terem ido até lá. Os dois saíram rindo. Não havia mais ninguém na espera e o médico apareceu outra vez.

– Valdivina Silva? Pode entrar, por favor.

Entrou na primeira sala de um longo corredor que terminava escuro no que parecia ser uma escada para baixo. O homem que a chamou era branco e jovem.

– Vi que está com o termo de aceitação. A senhora tem alguma dúvida sobre o estudo e o que vai acontecer?

– Acho que não, mas ainda não assinei, não tenho caneta.

– Ah tudo bem, isso não precisa ser feito agora. Meu papel aqui é fazer uma entrevista inicial e coletar dados da sua rotina diária para analisarmos os efeitos que ela tem em seu sono, ok? Podemos começar?

– Pode sim, doutor – respondeu, concentrada em seus pensamentos.

O doutor era ao mesmo tempo intenso e distraído. Fazia pausas longas demais entre algumas frases e olhava Val bem nos olhos. Além da certeza que fora por ali que Caio passara – a clínica no centro, os mesmos cento e cinquenta reais, anúncio no jornal – outras peculiaridades eram notadas por Val. Um instituto misterioso, que surge repentinamente em uma casa comum, sem médicos ou hospitais conhecidos por trás, chamando voluntários entre o povo pobre. Por essas estranhezas e pela exaustão de todas as outras possibilidades ao longo do último ano, no meio da conversa já chegara à convicção que havia sido eles que lhe roubaram Caio. Nesse momento, sabia o que responder para ser o alvo que aquelas pessoas esperavam. Não é que não tivesse medo de estar ali, apenas não se importava com as consequências se havia qualquer chance de achar seu filho.

– Como ficou sabendo deste estudo? Alguém lhe recomendou? – perguntou o homem, olhando uma ficha em papel com o documento de Val preso nele com um clipe.

– Ah não, vi anúncio no jornal, vi que pagava e liguei para participar.

– A senhora recomendou ou falou do estudo para alguém? Precisamos saber para a pesquisa se os participantes se conhecem, para poder isolar melhor o perfil demográfico. Então

deixamos anotado o nome de pessoas conhecidas suas que sabem do estudo. Comentou com alguém que vinha aqui fazer o estudo?

– Não – a primeira mentira –, acho que não falei com ninguém não.

– Seus pais estão vivos?

– Não, morreram já.

– Irmãos?

– Não tenho.

– Filhos?

– Nunca tive – sua voz vacilou na meia-verdade e teve que arrancar as próximas palavras da garganta com um pigarro. – Nunca tive filhos, doutor. Nem me casei.

– Ocupação?

– Faxineira noturna terceirizada – cada palavra cuidadosamente escolhida para adicionar uma nova camada de invisibilidade.

– Frequenta alguma igreja? Ou algum grupo social, como cooperativa, associação de moradores?

– Não, não sou religiosa. E acabei de mudar de bairro porque fui despejada de onde morava antes em Interlagos. Preciso do dinheiro para pagar o quartinho esse mês. Vocês pagam agora já?

– Sim! Claro, não se preocupe – abriu uma gaveta na mesa, puxou três notas e deu para Val.

– Ah, muito obrigada! Muito obrigada mesmo, doutor! – disse Val para consolidar a satisfação do médico.

– Você fez o jejum recomendado de doze horas?

– Sim, senhor. Tudo direitinho, nem água bebi.

– Ok, ótimo. Ótimo – pausou antes de continuar. – Última coisa; qual contato de emergência posso colocar aqui?

– Emergência?

– Não se preocupe, não vai acontecer nada, é apenas procedimento padrão pedido pelo governo para autorizar estudos de sono. Precisamos de um nome e um telefone a quem poderíamos ligar em caso de uma emergência. Mas não se preocupe, nada vai acontecer,

nada mesmo, é apenas uma noite de sono. Não tem porque ficar preocupada.

Val não estava mais preocupada. Como imaginara, não lhe fizeram nenhuma pergunta médica, nenhuma pergunta sobre sono. Só queriam saber o quão sozinha no mundo era. Agora, confiante, sabia exatamente o que dizer.

– Olha doutor, pra falar a verdade, acho que não tenho ninguém próximo não. Nem sei o telefone do dono da pensão. Se precisar mesmo, acho que posso colocar o telefone da firma que me chama para as faxinas, acho que são as únicas pessoas que conheço aqui nessa cidade. Mas a verdade é que vivo sozinha mesmo. Deu emergência, liga pro Samu mesmo, porque não tem ninguém que iria se importar.

Val recebeu do homem um olhar conhecido. Ela já vira esse mesmo olhar, pretensamente solícito, muitas vezes na vida em pessoas que agiam como se falar com ela fosse um favor que lhe fizessem. Agora o homem a via como uma mulher de meia-idade, desesperada e sozinha na vida. Dispensável. Sabia que Caio, preto e pobre, havia recebido o mesmo olhar. Agora ela teria o mesmo destino do que quer que acontecera com Caio. O tiro no escuro virou um clarão de esperança.

– Ótimo então. Vamos para a sala de preparação do estudo.

Minibiografia

Rodrigo Pontes é um autor iniciante de ficção especulativa. Seu primeiro romance é uma ficção-científica contemporânea chamada "*A Origem das Neurofiandeiras de Val*".

A obra conta a história de Valdivina em busca de seu filho de criação Caio, desaparecido após passar por um estudo médico experimental. Ao passar pelo mesmo experimento, Val se encontra perdida em um mundo de mistérios e alucinações. "*A Origem das Neurofiandeiras de Val*" é uma história de como pessoas comuns, solitárias e vulneráveis podem se unir com amor e inteligência para tomar o controle de seu destino e desafiar o papel que a elite havia colocado para elas.

Você pode ler a obra, gratuitamente, em fascículos, assinando o autor no site www.confabulistas.com.br/rodrigo-pontes

Rodrigo Pontes não mantém redes sociais, mas pelo Confabulistas você poderá ler também outros contos experimentais do autor e acompanhar novidades de sua criação literária.